

Junho deixou sementes de participação popular

Há cinco anos, "o gigante acordou". Essa frase, pinçada de uma combinação de trechos do Hino Nacional Brasileiro, tornou-se o símbolo de junho de 2013

Guilherme Oliveira/Especial Cidadania/Ag.Senado

Naquele mês, milhões de pessoas saíram às ruas do país em protestos imprevisíveis e largamente espontâneos. Com pautas em geral difusas e sem lideranças destacadas, surpreenderam as autoridades e motivaram iniciativas institucionais improvisadas. Ao mesmo tempo, junho de 2013 escancarou uma vontade de participação popular que se encontrava dormente no peito dos brasileiros.

Estimulados pelo espírito das multidões, os cidadãos deram voz a demandas por serviços públicos de maior qualidade e combate à corrupção. Para muitos, foi a primeira experiência de atividade política reivindicatória, e quase nunca a última, já que participar da vida política e da cobrança por melhores serviços públicos tornou-se rotina para parte da população. Um exemplo de participação são organizações como o Observatório Social do Brasil. Presente em 135 municípios, o observatório monitora a execução orçamentária e a realização de licitações, entre outras atividades do setor público.

Aumentos nas tarifas de transportes públicos trouxeram irritação aos habitantes de diversas capitais no início do ano de



Manifestantes em frente ao Congresso Nacional: milhões foram às ruas.

havam anunciado aumento das tarifas de transporte recuaram. No dia 21, a então presidente da República, Dilma Rousseff, fez o primeiro pronunciamento sobre os acontecimentos, afirmando que trabalharia por uma ampla reforma política. Três dias depois, ela se reuniria no Palácio do Planalto com os integrantes do Passe Livre, mas as negociações não avançaram porque a ideia de tarifa zero foi considerada utópica pelo governo. Dilma encaminhou à Câmara dos Deputados proposta de plebiscito para determinar a convocação de uma assembleia constituinte que seria encarregada de reformar especificamente dispositivos da Constituição sobre o sistema político — a ideia também não foi à frente.

Governo e parlamentares tocaram uma agenda de votações destinada a aplacar os protestos: os royalties obtidos com o pré-sal foram destinados a financiar educação e saúde públicas; a corrupção viu crime hediondo; a Câmara começou a discutir o fim do voto secreto na cassação de deputados; e foi rejeitada uma proposta de emenda constitucional que retiraria poderes investigativos do Ministério Público. O presidente da Associação Nacional dos Procuradores da República, José Cavalcanti, recordou que já havia mobilização da categoria contra a PEC há meses e isso contribuiu para que a pauta estivesse em evidência quando os protestos irromperam.

O Brasil não foi o único país a experimentar um levante social de grandes dimensões nesta década. Começando em 2011, nove nações da América Latina presenciaram e participaram de eventos similares. A cientista social Beatriz Pedreira explicou que esses acontecimentos têm em comum o fato de expressarem o amadurecimento da primeira geração que nasceu após o período de redemocratizações da região. "É uma geração que não tem medo de lutar contra o status quo porque não viveu repressão. Vivendo sob a democracia, por mais que a cultura não esteja enraizada, ela tem a ideia de que pode transformar a sociedade. Esses fatos criam um ambiente para que ocorra a tomada das ruas".

O professor de filosofia Bruno Cava destacou que, além das causas subjacentes mais amplas, as reações iniciais das autoridades aos protestos — repressão policial e minimização da seriedade das demandas — podem ter atraído mais atenção e simpatia para os manifestantes e suas causas. Isso teria motivado a entrada em cena de um novo contingente de pessoas. "Se tem algo que agrava a sensação de privação e sofrimento é estar sendo aviltado pelos governantes. A tentativa de reprimir as primeiras manifestações tiveram efeito inverso. Estamos no campo das hipóteses, mas talvez tenha a ver com o acúmulo despuadorado de propaganda enganosa ligada aos megaeventos, um Brasil da vitrine que estava sendo vendido, levando o caldo das indignações para além do ponto de ebulição".

O professor de filosofia Bruno Cava destacou que, além das causas subjacentes mais amplas, as reações iniciais das autoridades aos protestos — repressão policial e minimização da seriedade das demandas — podem ter atraído mais atenção e simpatia para os manifestantes e suas causas. Isso teria motivado a entrada em cena de um novo contingente de pessoas. "Se tem algo que agrava a sensação de privação e sofrimento é estar sendo aviltado pelos governantes. A tentativa de reprimir as primeiras manifestações tiveram efeito inverso. Estamos no campo das hipóteses, mas talvez tenha a ver com o acúmulo despuadorado de propaganda enganosa ligada aos megaeventos, um Brasil da vitrine que estava sendo vendido, levando o caldo das indignações para além do ponto de ebulição".



Junho de 2013 na Avenida Paulista.

2013, e pequenos atos aconteceram nessas cidades. No mesmo período, o Brasil se preparava para sediar a Copa das Confederações de futebol, evento para o qual havia investido grandes somas de dinheiro público em grandes estádios. Em face disso, o custo do transporte público tornou-se ainda mais incômodo e os questionamentos logo transbordaram para os serviços públicos de forma geral — escolas, hospitais, polícia, saneamento. Também se falava em intensificação do combate à corrupção.

Depois da ação violenta da polícia contra os manifestantes do Movimento Passe Livre, em São Paulo, em 13 de junho, a insatisfação ganhou o país. No final da tarde de 17 de junho, sem muito aviso prévio, pessoas começaram a tomar as ruas de dezenas de cidades. Quando a noite caiu, as imagens impressionavam: mais de 250 mil cidadãos lotavam praças e ruas. Em Brasília, parte da multidão ocupou a plataforma superior do Congresso Nacional. Três dias depois o contingente foi ainda maior: mais de 1 milhão de pessoas em mais de 100 cidades. As manifestações mostravam resiliência, e as pautas, embora difusas, contagiavam.

As autoridades começaram a responder. Algumas prefeituras que



Em 17 de junho, a plataforma onde estão as cúpulas da Câmara e do Senado foi ocupada por manifestantes. Dias depois, o Congresso adotou agenda motivada pelos protestos.

Fabio Rodrigues/ABR



População lota rodoviária de Brasília em apoio à reivindicação de transporte gratuito.

No entanto, segundo ela, já se veem pequenos fenômenos localizados na política municipal e isso poderá ser mais percebido nas eleições de 2018. "Veremos novas caras. As pessoas engajadas sabem que o lugar de transformação é na política, não fora dela". Cava disse não acreditar que houve um legado institucional dos protestos de 2013, uma vez que o sistema político se apressou em restabelecer um comando narrativo. Isso foi feito, segundo ele, por meio de uma "falsa polarização" político-eleitoral destinada a instalar um clima de "pânico moral" que impedisse a consolidação de práticas desviantes.

No entanto, para ele, esse esforço não extinguiu por completo a impressão difusa deixada pelos eventos de 2013. Cava acredita que eles sempre estarão reverberando e influenciando futuras manifestações políticas e sociais. "Não houve transposição num novo patamar de práticas institucionais. Em contrapartida, acontecimentos assim não nos deixam passar incólumes".

Estação 45

<p>Almoço Segunda a Sábado das 11h30 às 15h</p> <p>Nosso Bufê possui grande variedade de saladas, frutas e os mais deliciosos pratos quentes e frios.</p> <p>Música ao vivo aos Sábados</p>	<p>Noite Quarta a Domingo a partir das 18h</p> <p>Divirta-se com seus amigos em nosso Happy hour ou traga sua família para experimentar uma de nossas massas ou pizzas mais saborosas da região.</p>
--	--

Delivery
(quarta a domingo, das 18h às 23h30)
5575-9224 / 5571-3369

Rua Dr. Neto de Araújo, 45 - Vila Mariana
www.estacao45.com.br